

DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

DIALOGUE BETWEEN LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS: CONTRIBUTIONS OF FAIRY TALES IN THE CHILD'S DEVELOPMENT

Sandy Elizabete Gomes Coutinho¹
Emer Merari Rodrigues²

Faculdade de Formação de Professores de Araripina – FAFOPA
Universidade de Brasília – UNB

Resumo: Elucidado principalmente pelos pensamentos de Bettelheim (2002) e Perrault (2017), o presente artigo discute acerca do Impacto dos Contos de Fadas no desenvolvimento da criança, com base em uma metodologia de pesquisa exploratória. Realiza uma análise que propõe elucidar as contribuições psicológicas e literárias que os contos fornecem para o crescimento interno e formação crítica durante a infância. Em paralelo com a pesquisa, será exemplificado um dos conhecidos contos de fadas e seu significado de uma perspectiva analítica e representativa para diversas crianças, independentemente de gênero e faixa etária. Verifica-se a escolha deste tema na extensão da imaginação infantil, porque contribui significativamente na formação e no desenvolvimento da personalidade da criança.

Palavras-chave: Conto de fadas. Formação. Infância. Literário. Psicológico.

Abstract: Elucidated mainly by Bettelheim's (2002) and Perrault's (2017) thoughts, this text discusses the impact of fairy tales on child development, based on an exploratory research methodology. It makes an analysis that proposes to elucidate how psychological and literary contributions that fairy tales give to internal growth and critical formation during childhood. In parallel with the research, it will be showed one of the well-known fairy tales and its outstanding significance from an analytical and representative perspective for many children, independently of gender and age of them. The choice of this theme is justified by the development of children's imagination, in order to help in the formation and development of their personality, meaningly.

Keywords: Fairy tale. Formation. Childhood. Literary. Psychological.

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina — FAFOPA.
E-mail: sandycoutt@hotmail.com.

² Doutorando em Literatura pela UnB. Vinculado à SEDUCE-GO.
E-mail: merari769@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são propriedade da literatura infantil. A difusão desse gênero textual existe desde a antiguidade, embora, inicialmente, ter sido apresentada de outra forma diferente da qual se conhece na contemporaneidade, foi necessário sofrer algumas alterações ao longo do tempo para diminuir a impressão negativa, ademais, é notória a importância e relevância dos contos para o público infantil, e esta escrita visa ressaltar a contribuição dos contos de fadas para a formação e descoberta da identidade da criança. Pode-se entender a relevância dessas histórias infantis não apenas para entretenimento ou alfabetização, mas também se torna notável cientificamente para áreas como: psicanálise, psicologia e pedagogia, especialmente no campo de desenvolvimento infantil.

Da concepção literária, os contos são a melhor escolha para ensinar os significados sobre o mundo e a natureza humana, justifica-se que a criança confia no que a história conta, e relaciona aquela leitura apresentada com a sua experiência, levando para o dia a dia as ideias presentes nas histórias.

O objetivo geral deste texto é observar o impacto dos contos mais conhecidos na literatura na mente da criança, e como podem construir e moldar sua personalidade, bem como, desenvolver a imaginação, a criação, o senso crítico e a concepção de mundo a partir de interpretações factíveis. Segundo Bettelheim (2002, p. 4), “a criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa”.

Os contos de fadas podem ajudar nesse processo de formação de maneira satisfatória e dinâmica, uma vez que os contos enriquecem a imaginação e tornam as emoções descomplicadas. Sumariamente, as histórias se correlacionam com as características da natureza humana, sejam elas reprimidas ou evidentes. Logo, o presente texto visa exemplificar essa correlação no conto de *Chapeuzinho Vermelho*, um clássico da literatura infantil.

2 A ORIGEM: TRÍADE DOS CONTOS DE FADAS



Os contos de fadas eram histórias da tradição oral e foram adaptadas conforme interesse do público com crianças inclusas neste público, entretanto, em tempos remotos, “as crianças não eram vistas como crianças, tendo em mente que o conceito de infância é, relativamente, moderno e a criança começou a aprender com os adultos em vez de se misturar com eles” (ARIÉS, 1981, p. 11). De modo geral, os teóricos de todas as áreas concordam que os contos de fadas possuem origens muito antigas, possivelmente, pré-históricas, tendo se iniciado com as histórias contadas pelos xamãs e anciãos tribais ao redor do fogo. Neste período, “os relatos do cotidiano se confundiram com os mitos e rituais, principalmente, aqueles de iniciação ao mundo adulto, por meio da realização de provas e/ou de alguma forma de sacrifício” (MEREGE, 2010, p. 8). Os contos são derivados daquelas histórias que faziam parte de uma imaginação coletiva que falava sobre medos, angústias, aventuras e desejos humanos, tendo o misticismo agregado como uma parte fundamental.

A arqueologia ofereceu contribuição importante para a descoberta destas narrativas uma vez que procurava resgatar as verdadeiras raízes de povos e da suas pátrias, resultando na descoberta dos mais diversos contos, lendas e fábulas o que intrigou os arqueólogos foram as histórias em comum como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho* e *A bela Adormecida* entre pessoas de diferentes áreas geográficas. Considerando o fato de que, em tempos remotos, não existiam transportes ou meios de comunicação avançados, apenas a comunicação oral, “isso prova o poder da palavra como fator de integração entre os homens” (COELHO, 2003, p. 31).

Diante dessa descoberta, uma interrogação abriu caminho para uma nova e ampla pesquisa: como justificar essa comunidade de narrativas em povos que tiveram origens e processos históricos tão diferentes? Um verdadeiro exército de pesquisadores das várias áreas de conhecimento (Filologia, Linguística, Folclore, Antropologia, Etnologia, História, Literatura, Pedagogia) empenharam-se durante anos em rastrear os caminhos possivelmente seguidos por essas narrativas arcaicas, que, vindas da origem dos tempos, chegaram até nossos dias. O cruzamento das várias pesquisas acabou revelando, nas raízes daqueles textos populares, uma grande fonte narrativa, de expansão popular: a fonte oriental (procedente da Índia, séculos antes de Cristo), que vai se fundir, através dos séculos, com a fonte latina (greco-romana) e com a fonte céltico-bretã (na qual nasceram as fadas). (COELHO, 2003, p. 29–30).

Deve-se destacar que ambas as culturas, ocidental e oriental, desempenharam seu papel como fonte primária dos contos de fadas já que todas as narrativas contemporâneas estão atreladas a antigos mitos e textos ancestrais repletos de



encantamentos, magia e religiosidade. Especialmente nesse último ponto, Bettelheim (2002) pondera que a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era uma parte muito importante da vida, portanto, eles tratam, diretamente ou por inferência, ou por derivação, de temas religiosos.

Coelho (2003, p. 79) classifica os contos entre maravilhosos e de fadas e os distingue quanto a sua problemática. O primeiro trata de fontes orientais discorrendo acerca de conquistas e pretensão de riquezas como *Aladim e a Lâmpada Mágica*, enquanto o segundo, de origem celta, discute a realização interior do indivíduo pelo amor como ocorre em *Rapunzel*. Dessa forma, justifica-se que muitas alterações tiveram que ser feitas para adquirirem a natureza infantil que hoje é conhecida visto que os contos originais incluíam canibalismo, incesto, adultério e outros conflitos perturbadores, deixando-os inviáveis para serem lidos ou contados para crianças. Assim, os contos sofreram enormes alterações através dos séculos e muitos permaneceram irreconhecíveis.

Por esses temas e por serem tão antigos e circularem há tanto tempo, antes mesmo da palavra escrita, alguns escritores os compilaram e os reescreveram à sua maneira. Charles Perrault foi um dos pioneiros na história da literatura infantil. De início, Perrault não desejava escrever “contos para crianças, mas sim valorizar a língua francesa; após sua terceira adaptação, passou a se interessar em direcionar seus contos ao público infantil” (COELHO, 2003, p. 77).

Após três adaptações de uma história que trata do conflito incestuoso entre pai e filha é que Perrault volta-se, inteiramente, para essa redescoberta da narrativa popular maravilhosa com dois propósitos o de provar a equivalência de valores/sabedoria entre os greco-latinos e os franceses e, com esse material redescoberto, divertir as crianças, principalmente, as meninas, influenciando a formação moral delas. Essa moralidade era relatada de maneira assustadora e algumas vezes cômica, pois a finalidade era amedrontar enquanto divertia. Naquela época, a literatura infantil eclode com a obra de Perrault, de 1697. É nesse livro que o autor reúne as histórias mais populares contadas pelo povo, principalmente por mulheres, e uma a uma, surgem alguns dos contos clássicos como *Cinderela*, *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho*. A partir daí, preferiu-se dar lugar aos personagens mais simples como criados, camponeses, lenhadores, entre outros.



Outro aspecto digno de nota em cada conto é o envolvimento de uma lição ética específica e pertinente. Perrault não pretendia que fosse apenas um conto de fadas, “mas uma estória repreensiva, que ameaça intencionalmente a criança com seu final produtor de ansiedade” (BETTELHEIM, 2002, p. 181).

Outros precursores dos contos de fadas foram os Irmãos Grimm que conseguiram difundir a literatura infantil pela Europa e pelas Américas. Assim como Perrault, eles não eram os autores dos contos, mas sim os compiladores. As histórias eram contadas desde os camponeses até as babás, então, os dois irmãos resolveram transcrevê-las de modo a divulgar mundo afora, do mesmo modo, estariam preservando por escrito uma sabedoria popular, isso porque os contos já estavam deixando de ser contados oralmente, à medida que as mudanças na sociedade vinham acontecendo.

Com o passar dos anos, os contos foram se transformando de acordo com as necessidades de cada época, desde a retirada de referências sexuais até a inclusão de referências cristãs com o intuito de agradar os críticos e leitores, especialmente, crianças. Entre as obras mais conhecidas estão *A Bela e a Fera*, *Branca de Neve e os sete anões*, *A Gata Borralheira*. É fato que os irmãos Grimm desejavam criar contos de caráter germânico e, apesar de terem estudado, pesquisado, recorrido a seus antecessores e outras fontes, eles acabaram inserindo em suas versões traços pessoais que transpareciam suas crenças e princípios.

É com relação a esses valores e ideais que os irmãos Grimm compartilhavam em suas histórias, mostrando muito diferentes daqueles, por exemplo, encontrados nos contos iniciais de Charles Perrault. Enquanto nos livros do francês as noções de civilidade eram transmitidas na tentativa de educar as crianças com boas maneiras, “Jacob e Willheim enfatizaram as qualidades naturais do caráter humano, como a força da sobrevivência, a justiça e a perseverança. Em seus textos, o bem se paga com o bem, e o mal se paga com mal” (CANTON, 2006, p. 14). Juntamente a Perrault e os Grimm, Hans Christian Andersen faz parte da trindade dos contos e também é precursor da literatura infantil.

Com o início do Romantismo, Andersen se apoderou de ideais românticos da época, trazendo em seus contos uma ênfase nos sentimentos de afeto, fé e outros valores. *O Patinho Feio*, *João e Maria* e *O Soldadinho de Chumbo* são alguns dos contos da sua coletânea. Ele utilizava uma linguagem mais informal de modo que transmitisse a factualidade da vida, diretamente, para a criança, pois “a par do



maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, em que se destacam a injustiça social e o egoísmo” (COELHO, 2003, p. 24).

Com base nisso, é notório se atentar aos contos de Andersen que, em sua maioria, possuem finais tristes e desastrosos como *A Pequena Sereia*, diferentemente da versão cinematográfica, a história original não tem um final feliz, mas trágico. O autor acreditava que a literatura não precisava ser sempre feliz nem mesmo a infantil e, embora se inspirasse nas histórias orais como seus antecessores, no entanto, ele era, essencialmente, um criador.

Hans consegue superar Perrault quando aconselha de forma delicada e sutil sem provocar pânico na criança, preferindo criar histórias a ter de suavizar ao contrário dos Grimms. Ele não se limitava ao público infantil e reiterava o seguinte: “pego uma ideia para os adultos, depois conto as histórias para os pequenos, sempre me lembrando que pai e mãe muitas vezes ouvem, e é preciso dar-lhes também algo para suas mentes” (TATAR, 2004, p. 347).

3 UMA ABORDAGEM PSÍQUICA E LITERÁRIA

As relações pessoais das crianças, sobretudo com seus pais, são a base de seu desenvolvimento. Para alguns teóricos como “Piaget e Vygotsky, esse processo ocorre por meio da comunicação, através de trocas e contatos entre a criança e seu círculo, defendido pelas teorias sociointeracionistas” (CRAIDY; KAERCHER, 2009, p. 27). Esse crescimento acontece por meio do seu convívio com outras crianças e adultos, seu contato com as coisas que a rodeiam e, a partir de então, inicia-se seu progresso. Para Vygotsky, o funcionamento psicológico estrutura-se com base nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior.

Tais relações ocorrem dentro de um contexto histórico e social, no qual a cultura desempenha um papel fundamental, fornecendo ao indivíduo os sistemas simbólicos de realidade. Isto permite construir uma certa ordem e uma interpretação do mundo real. (CRAIDY; KAERCHER, 2009, p. 29).

Posteriormente, vêm as características transmitidas de geração em geração, ou seja, os valores e costumes herdados nos quais devem ser conduzidos de forma precisa. Segundo Bettelheim (2002), quando as crianças são pequenas, a literatura é o melhor canal para esse tipo de aproximação. Para o autor, ela ajuda a dominar os problemas de



crescimento psicológico, a superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades entre irmãos, livrar-se dos vícios infantis, ajuda a obter um senso de individualidade, autoestima e um senso de obrigação moral porque “a criança necessita entender o que está se passando no seu inconsciente” (BETTELHEIM, 2002, p. 08).

Piaget (1985, p. 178) teoriza que as crianças são “aférentes pelo menos em seus estágios iniciais de desenvolvimento”. Ele reiterou que a criança apenas consegue fazer suposições e racionar aos onze ou doze anos de idade, porém, a partir dos sete anos, começa o período de implantação de ações específicas, das operações concretas. Anteriormente, a criança permitia representar objetos ou eventos que, atualmente, são irreconhecíveis, chamando-os através de “diversos símbolos ou sinais, tais como: o jogo simbólico, a imitação diferenciada, a imagem mental, o desenho e, principalmente, a própria linguagem” (PIAGET, 1985, p. 37).

Por mais que não pareça ser importante, ainda assim, a criança deve ser exposta à literatura antes dos sete anos, seja por contato visual ou como ouvinte. Bamberger (1977, p. 36) defende que dos “dois aos cinco anos a criança consegue fazer pouca diferença entre os mundos interno e externo”, devido que nessa idade é a fase da idade “mágica”. Portanto, é a literatura que poderá ajudá-la a fazer a distinção entre o eu e o mundo através dos livros, de gravuras de objetos de seu ambiente. Sequencialmente, aos seis ou sete anos de idade é que inicia de fato seu caminho literário, ao mesmo tempo que surgem tendências às fantasias e visões de mundo mais respeitadas. Nesse período, a criança volta-se para histórias como contos de fadas, lendas e fábulas, recontando essas histórias, reunindo personagens tão diversos como pessoas, animais e objetos (exatamente, no período em que o pensamento animista se evidencia).

A pesquisadora Weisberg (2016) acredita que isso ocorre porque, provavelmente, as crianças tendem a ser mais engajadas e atentas quando veem acontecimentos que desafiam sua compreensão de como esses eventos realmente funcionam. Afinal, os acontecimentos nessas histórias fantásticas não são coisas que as crianças veem diariamente, então, elas prestam mais atenção, o que as leva a mais aprendizado.

Além de enviar mensagens ao inconsciente da criança (BETTELHEIM, 2002), essas histórias falam ao ego em crescimento e estimulam seu desenvolvimento ao mesmo tempo que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. Alguns conflitos



psicológicos permeiam a mente das crianças nessa fase, tais como mudanças de comportamento, formação da autoestima, autoavaliação e crítica social.

A criança se depara com questões sobre si mesma, dúvidas acerca do que sente e como age, pois, para ela, não há ambiguidade em relação às características de personalidade, somente é possível: que seja boa ou má; que esteja certa ou errada; alegre ou triste; inteligente ou ignorante. Não havendo meio-termo. Dessa mesma forma, o conto distingue e apresenta seus personagens entre herói e vilão, princesa e bruxa. Para Bettelheim (2002, p.168), isso “facilita e permite capacitar a criança a compreender suas ações e reações”, pois é através de imagens simples e diretas que os contos ajudam a criança a organizar seus sentimentos impulsivos, complexos e ambivalentes. Ainda de acordo com o autor, a criança se utiliza de metáfora para explicar como os contos atuam indiretamente no subconsciente:

Ouvir os contos de fadas e incorporar as imagens que eles apresentam pode ser comparado a espalhar sementes, onde só algumas ficarão implantadas na mente da criança. Algumas ficarão trabalhando na sua mente de imediato; outras estimularão processos no seu inconsciente. Outras ainda precisarão descansar muito tempo até a mente da criança alcançar um estado adequado para sua germinação, e muitas não criarão raízes. Mas as sementes que caíram no solo certo se transformarão em lindas flores e árvores robustas — isto é, darão validade a sentimentos importantes, promoverão percepções internas, alimentarão esperanças, reduzirão ansiedades — e com isto, enriquecerão a vida da criança no momento, e daí para sempre (BETTELHEIM, 2002, p. 168).

As crianças sabem que as histórias de fantasia não correspondem às suas realidades externas como quando uma menina se proclama mãe de uma boneca ou um garoto veste uma capa e se sente um super-herói. Bettelheim (2002) aponta que a criança, intuitivamente, entende isso e, embora estas histórias sejam irreais, elas não são falsas e que, mesmo que os eventos narrados não aconteçam na realidade, eles podem, de fato, ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal.

4 OS CONTOS DE FADAS SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Alguns teóricos psicanalistas como Bruno Bettelheim explicam o simbolismo e significado de contos mais tradicionais. A obra *A psicanálise dos contos de Fadas* (primeiramente publicada em 1972), é o principal livro a abordar os contos sob um



ponto de vista psicanalítico e tem sido de grande auxílio no caminho de como resgatar essas histórias apropriadamente. Logo,

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal), mas das suas qualidades literárias — o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro, e antes de tudo, uma obra de arte (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

Há uma grande recusa de muitos adultos em apresentar as versões originais dos contos às crianças justificados pelo cruel ou triste desfecho que algumas versões possam descrever. Com a função de protegê-los dessa “violência literária”, nos últimos anos, percebe-se que a maioria dos pais permite aos filhos apenas versões mais delicadas como as expostas pela *Disney*. Porém, tal proteção se limita à literatura, nem sempre se estende a certos tipos de músicas, *videoclipes*, jogos eletrônicos e notícias de telejornais que possuem enredo semelhante ou pior. Mas, pelos *remakes*, é notório que nas últimas décadas, muito se fala a respeito dos benefícios dos contos de fadas e suas funções terapêuticas. Ele (o conto) projeta o alívio das pressões mentais e não apenas oferece formas de resolução dos problemas, porém promete uma solução feliz.

Dessa forma, é possível que os contos assumam essas qualidades, por exemplo, ao ler determinado conto aos sete anos, a criança pode compreendê-lo de uma forma e, ao relê-lo aos doze anos, reinterpretá-lo de uma forma diferente, tornando-os significativos nesses dois momentos de sua vida, pois a criança fará interpretações de acordo com as suas exigências e necessidades emocionais do momento. Sentiu-se a necessidade de especificar esse simbolismo pela análise de um conto específico e seu impacto no desenvolvimento infantil. Para tal, nessa escrita, escolheu-se, como exemplo de história infantil a influenciar no desenvolvimento das crianças, *Chapeuzinho Vermelho*.

5 CHAPEUZINHO VERMELHO, DOS IRMÃOS GRIMM: SIMBOLISMO E REPRESENTAÇÕES

O mais famoso de todos os contos de fadas populares é *Chapeuzinho Vermelho*, embora existam versões anteriores, a mais difundida é a versão dos Irmãos Grimm (2010). A matéria-prima para o desenvolvimento de *Chapeuzinho* foi o mito de Cronos



que engole os filhos e que, magicamente, conseguem sair de sua barriga e enchê-la de pedras, mesma proposta dos irmãos Grimm (COELHO, 2002).

O início da história entrega de antemão uma pré-explicação do seu título com a graciosa menina que ganha um chapéu vermelho de veludo de sua avó, e atribuem-lhe o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Bettelheim (2002) afirma que o vermelho é a cor que significa emoções violentas, incluindo, as sexuais. O capuz de veludo vermelho que a avó presenteia Chapeuzinho pode, então, ser visto como o símbolo de uma transferência prematura da atração sexual. O autor ainda acrescenta que a menina é pequena demais não para usar um chapéu e sim para lidar com o que ele simboliza e o que ele pode atrair. No decorrer da história, Chapeuzinho encontra o lobo que logo elabora várias perguntas. Ele também pensa em devorar Chapeuzinho, mas não o faz de imediato, pois pondera sobre como deve realizar essa ação com esperteza de modo que consiga as duas (a avó e a garota). Conscientemente, a criança sabe que não há nada de errado em colher flores, o que está errado é desobedecer à mãe quando se assume a importante missão de atender um legítimo interesse de um pai (a avó).

A conotação sexual no conto dos Grimm está subentendida, principalmente, no entendimento da criança (que permanece pré-consciente, como deveria). Partindo desse pressuposto, há o lobo como representação da malícia e Chapeuzinho como a representação da inocência. Dessa forma, a persuasão que o lobo cria para que a menina desvie do caminho pode ser interpretada como uma forma de corrompê-la. Chapeuzinho também representa a culpa visto que, quando se afasta do caminho e decide colher flores, em um dado momento, se lembra da sua avó. A culpa advém da escolha errada que a menina faz. Chapeuzinho apenas para de apanhar flores quando se sente desconfortável, o “id” em busca de prazer diminui e Chapeuzinho torna-se ciente de suas obrigações. Para Coelho (2002, p. 71), Chapeuzinho Vermelho registra um momento significativo na sua vida, o de ir à casa da avó, desobedecer à proibição da mãe por seguir pelo caminho em que poderia encontrar o Lobo, e ao encontrá-lo, acabar facilitando o ataque à avó e a ela própria. Presume-se que o descuido de Chapeuzinho tenha sido intencional. Bettelheim (2002, p. 186) opina que “cedendo às sugestões do lobo, também fornece a este, a oportunidade de devorar a avó”. O psicólogo sugere que Chapeuzinho possua conflitos edípicos reprimidos pelo lobo o qual pode configurar a imagem do pai em dado momento já que,



Aqui a estória fala a algumas pessoas das dificuldades edípicas que permanecem não resolvidas na menina, e o castigo merecido por Chapeuzinho ter arrumado as coisas de um jeito que permitiu ao lobo acabar com a avó, é ela ser engolida também. Mesmo uma criança de quatro anos se questiona sobre o que pretende Chapeuzinho quando responde à pergunta do lobo e dá as direções específicas para se chegar à casa da avó. Qual o propósito de uma informação tão detalhada, pergunta-se a criança, senão o de assegurar-se de que o lobo encontrará mesmo o caminho? (BETTELHEIM, 2002, p. 186).

O conto continua com a chegada de Chapeuzinho na casa de sua avó, e algumas coisas intrigam-na, como as portas escancaradas e o aspecto de sua avó (o lobo disfarçado), então, ocorre todo aquele clássico diálogo e o lobo devora Chapeuzinho. O lobo adormece e o caçador transeunte ouve o ronco do animal. O caçador também representa a figura paterna ao resgatar Chapeuzinho e sua avó, abrindo a barriga do lobo. Ele não morre com o corte no estômago, pois isso causaria ansiedades e frustrações desnecessárias na criança. O lobo morre quando pedras são colocadas na sua barriga e depois é jogado no rio. Bettelheim assegura que o caçador é a figura mais atraente tanto para os meninos como para as meninas porque salva os bons e castiga o malvado. O autor conclui que,

A experiência convenceu-a dos perigos de ceder aos desejos edípicos. Ela aprendeu que é melhor não se rebelar contra a mãe, nem tentar seduzir ou permitir-se ser seduzida por aspectos ainda perigosos do homem. [...] Ela aprendeu que é melhor assimilar o pai, a mãe e os valores deles com mais profundidade e de uma forma mais adulta dentro de seu próprio superego, para se tornar capaz de lidar com os perigos da vida. (BETTELHEIM, 2002, p. 194).

O final feliz proposto pelos irmãos Grimm deixa a criança aliviada porque ela se identifica com Chapeuzinho e, embora a personagem tenha tomado decisões erradas, aquilo foi necessário para o seu amadurecimento e serviu de exemplo para que não erre novamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas notas possibilitaram compreender como os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento infantil desde suas representações até os seus efeitos finais. Com isso, foi possível perceber que essas narrativas são indispensáveis durante o processo de formação da criança leitora ou não.



De modo a obter uma compreensão acerca desse desenvolvimento significativo para vida da criança, definiram-se quatro pontos. O primeiro, de caráter investigativo sobre a origem dos contos, seus precursores e sua finalidade durante o tempo que se difundia. Constatou-se que os contos são muito antigos antes mesmo da escrita e provinham de culturas diversas, tendo como seus difusores mais reconhecidos Charles Perrault; Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, nos séculos XVII, XVIII e XIX, respectivamente. As intenções deles eram, a princípio, evocar moralidade e não entretenimento.

O segundo ponto discorre sobre o desenvolvimento infantil, abordando de maneira psíquica e literária a respeito do processo de formação do psicológico das crianças, principalmente, na faixa etária entre os sete aos doze anos, exatamente, o período em que ocorre a aptidão pelas narrativas fantásticas que ajudarão na dissolução de conflitos internos e problemas que as oprimem desde os problemas familiares (edípicos) às questões consigo (identidade e autoestima).

O terceiro expõe acerca dos contos de fadas perante a perspectiva psicanalítica, reunindo fragmentos teóricos do especialista Bruno Bettelheim, e relacionando suas afirmações às múltiplas naturezas que os contos oferecem e às possíveis compreensões que uma criança pode adquirir. O quarto, e último ponto, ateu-se à história de *Chapeuzinho Vermelho* para elucidar como a criança interpreta, inconscientemente, cada momento da narrativa. Apesar de ter como base o mito de *Cronos*, a história também soa como um conflito edipiano, e cada personagem é um membro de sua própria família, o papel principal sendo o da criança.

Pôde-se averiguar que, ao final de *Chapeuzinho*, a criança se sente esperançosa e capaz de enfrentar situações problemáticas, o efeito de uma única história, como essa, pode trazer soluções extraordinárias. Pela observação desses aspectos analisados, considera-se que os contos de fadas colaboram não apenas com a formação literária da criança, mas também possibilitam outros tipos de desenvolvimento mental porque contribui para que a criança se sinta preparada para o enfrentamento dos problemas quando se assegura de uma possibilidade de vitória como ver em *Chapeuzinho* um final feliz. Assim, dividido em quatro pontos, foi possível analisar as contribuições do ensino-aprendizagem que os contos infantis ofertam ao estabelecer um diálogo entre literatura e os conhecimentos psicanalíticos.



REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- CANTON, Kátia. **Era uma vez irmãos Grimm**. São Paulo: DCL - Difusão Cultural do Livro, 2006
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas: Símbolos, Mitos e Arquétipos**. São Paulo: DCL - Difusão Cultural do Livro, 2003.
- CRAIDY E KAERCHER, Carmem e Gládis E. **Educação Infantil pra que te quero?**. Rio Grande do Sul: Artmed, 2009.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Um Conto de Fadas: Chapeuzinho Vermelho**. 1. ed. [S. l.]: Expresso Zahar, 2010. 21 p. v. 1. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: Origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade. 2010.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- PERRAULT, Charles. **Contes: Texte original de Charles Perrault. (French Edition)**. França: Deglay, 2017.
- TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada & ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- WEISBERG, Deena Skolnick. Porque as crianças aprendem mais com contos de fantasia do que com histórias realistas. **Aeon Ideias**, Pensilvânia, 5 ago. 2016. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/08/05/porque-criancas-aprendem-mais-com-contos-de-fantasia-que-com-historias-realistas/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.